

O BOLETIM DA PASTORAL NA “ZONA” DE CAMPINAS

Bruno FUSER

Professor na Faculdade de Jornalismo da
PUC-Campinas

RESUMO

A ação da Pastoral da Mulher Marginalizada de Campinas, centrada no bairro Jardim Itatinga, uma das maiores “zonas” de prostituição da América Latina, é caracterizada pelo resgate da cidadania e a busca de inserção da mulher prostituída no meio social de modo crítico, atuante e transformador. Transcendendo a ação assistencial - que também é realizada, por meio de cursos profissionalizantes -, as irmãs da Congregação do Bom Pastor procuram abordar a prostituição segundo o enfoque de que a mulher é vítima da sociedade, por não ter outra alternativa de sobrevivência. Na produção do informativo Cinta Liga - com o apoio da disciplina Jornalismo Sindical e Comunitário, da PUC-Campinas - a Pastoral repete o comportamento apontado por pesquisadores, segundo os quais o autoritarismo da Igreja Católica acaba reproduzindo os modelos da comunicação de massa, embora com um conteúdo diferenciado.

Palavras-chave: Igreja. Prostituição. Jornalismo Comunitário.

ABSTRACT

Religious participation for Discriminated Women in Campinas, in the district of Jardim Itatinga, one of the largest

“zonas” (red-light districts) in Latin America, is characterized by a return to citizenship and a search to make the prostitutes participate in a critically, active and transforming way. Going beyond an assisting attitude, which also exists, and the professional courses, the sisters that belong to the Congregação do Bom Pastor endeavour to deal with prostitution as the result of the fact that women are victims of the society since they are left with no other alternative to survive. In Cinta Liga, a bulletin that receives the support of Jornalismo Sindical e Comunitário, from PUC-Campinas - the Catholic Religious Movement duplicates the behaviour already pointed out by researches, in which the Catholic Church authoritarian attitude ends up even though in different contexts by reproducing the patterns of mass communication.

Key-words: Church and Communication. Communitarian Journalism. Church and prostitution.

APRESENTAÇÃO

Temos estudado, desde 1985, quando ingressamos no programa de Pós-Graduação da ECA/USP, em nível de mestrado, as alternativas de uso da comunicação social, em especial o jornalismo, como contra-hegemonia à *mass media* (FUSER, 1991). Centramos nossa pesquisa, naquele momento, na política de comunicação do governo Erundina, suas características e iniciativas. Posteriormente, no doutoramento, orientamos nosso trabalho para a política de comunicação de um sindicato, o dos Metalúrgicos do ABC, dada sua importância no panorama político-sindical brasileiro, referência para um sindicalismo que rompeu com as amarras do peleguismo e constituiu a maior central sindical do País, a CUT, Central Única dos Trabalhadores (FUSER, 1998).

Nesta pesquisa que ora relatamos, desenvolvida a partir de premissas que vimos desenvolvendo nesses trabalhos anteriores, buscamos analisar as características da comunicação desenvolvida pela Pastoral da Mulher Marginalizada. Sediada no Jardim Itatinga, uma das maiores zonas de prostituição da América Latina, já tínhamos ali, em função da disciplina Jornalismo Sindical e Comunitário, que ministramos na PUC-Campinas há cerca de dez anos, contatos e mesmo participação em iniciativas de comunicação. Assim, podemos afirmar que em grande parte nossa metodologia foi a da pesquisa participante: tivemos

O boletim da Pastoral na "zona" de Campinas

atuação direta até mesmo colaborando na elaboração de (poucas) reportagens, discutimos a política de comunicação implementada pela comunidade (respeitando as decisões ali tomadas), realizamos contatos no sentido de procurar (com sucesso) viabilizar uma parceria entre a Pastoral e o Centro de Cultura e Arte (CCA), que desenvolve ainda hoje cursos de sensibilização com jovens da comunidade, e elaboramos - esteve em curso até julho de 2000 - projeto de iniciação científica (PIBIC) com interface direta com este trabalho.

A IMPORTÂNCIA DA IMPRENSA COMUNITÁRIA

Sobre a importância da imprensa comunitária há estudos diversos, como os de BUENO (1979), voltados para o jornalismo do interior paulista, assim como o de AGUIAR (1994:1), com a mesma preocupação. A imprensa sindical – outra manifestação que podemos considerar como um segmento do jornalismo comunitário, entendido este como aquela prática jornalística que se diferencia da grande imprensa por ser gestada a partir de processos distintos, seja pela amplitude de sua circulação, seja pelos objetivos que motivam sua criação - chega a 12 milhões de exemplares mensais, conforme relata Nazareth FERREIRA (1992:17). Outros trabalhos insistem nessa tecla e mostram que, utilizando diversas mídias, a comunicação comunitária está viva. É o caso do trabalho de Denise COGO (1994), que desenvolveu estudo aprofundado sobre as rádios difundidas por alto-falante. A importância do relato da pesquisadora é grande para o nosso trabalho, tendo em vista que, conforme ela destaca, grande parte dessas iniciativas são organizadas pela Igreja Católica. Ao analisar a comunicação popular, ela afirma, como outros autores, que somente uma comunicação interativa seria democrática, aberta, dialógica, sinônimo de liberdade. A Igreja, inserida nos movimentos populares, em especial pelas CEBs e no exercício da Teologia da Libertação, tem, portanto, destaque nas experiências de comunicação popular. Vários autores concordam com essa perspectiva (conforme destacamos em FUSER, 1998, em especial capítulo V - “A comunicação dos trabalhadores”).

COGO (1994:34-5) faz um alerta sobre como a Igreja desenvolve essa ação, apontando os “riscos de autoritarismo e dirigismo na comunicação, que reproduziriam a estrutura e modelo verticais de comunicação massiva”. A pesquisadora gaúcha destaca que as dimensões do lúdico, do sonho, da fantasia, estão sendo abandonadas em manifestações da comunicação popular, “que pouco ou nada têm a ver com os valores culturais dos grupos e dos contextos onde estão inseridas” (:37). E continua:

“O tom moralista e paternalista marca o discurso das rádios católicas, ao mesmo tempo em que o caráter vanguardista e panfletário caracteriza a linguagem das emissoras sindicais” (:57).

COGO (op.cit.:336) considera que as equipes de produção da comunicação popular estão se distanciando das expectativas dos receptores, com a criação de “vanguardas culturais que pouco referenciais guardam do universo para o qual trabalham” (:336).

Importantes também para a compreensão do tema são as reflexões do professor e pesquisador Ismar de Oliveira SOARES (1980), ex-presidente da UCBC. Para ele, embora os boletins diocesanos católicos se constituam em alguns casos instrumentos de defesa dos marginalizados, isso ocorre “apenas nas circunscrições eclesiais onde o bispo assume as diretrizes estabelecidas pela moral regida pela Teologia da Libertação”. E acrescenta:

“Os boletins diocesanos católicos que se comportam como instrumento de defesa dos interesses dos marginalizados mantêm-se, sempre, como veículos verticais de comunicação” (:161)

Essas considerações sobre as características da comunicação alternativa, popular, e aquelas que segundo os autores estudados são próprias da Igreja Católica contribuíram, assim, para embasar nossos passos seguintes, dentro do estudo específico a que nos propúnhamos.

A PASTORAL DA MULHER MARGINALIZADA¹

O trabalho com as prostitutas

O trabalho que hoje é desenvolvido pela Pastoral da Mulher Marginalizada no bairro do Itatinga, junto às prostitutas, teve origem na ação de Dom Antônio Fragoso, bispo de Crateús (CE), que em 1960 era bispo auxiliar em São Luís do Maranhão. Foi então a Paris, entrou em contato com o trabalho conhecido por Ninho, desenvolvido pelo padre Talvas, junto às mulheres prostituídas da capital francesa. A experiência foi trazida para o Brasil por três leigas da equipe do Ninho, Tania, Edith e Geneviève. Essas três missionárias permaneceram dez anos no Brasil e foram elas que organizaram o 1º Encontro de Prostitutas e Agentes no País, em 1974.

A Pastoral da Mulher Marginalizada faz parte da Linha 6 - Sócio - Transformadora - da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil, CNBB, que se propõe a ser “fermento na massa” numa dimensão de

O boletim da Pastoral na "zona" de Campinas

*mudança social. Outros objetivos da Pastoral são constituir-se **presença solidária** junto às mulheres e meninas prostituídas nos hotéis, nas favelas, nas zonas, nas boates, nas ruas; ser **presença profética**, denunciando as causas da prostituição - o machismo, a dupla moral, o analfabetismo - e buscando a libertação pessoal, eclesial e social; ser, enfim, uma **presença atuante** na luta contra as causas da prostituição (SERVIÇO À MULHER MARGINALIZADA, s/d).*

A Pastoral da Mulher Marginalizada está espalhada em capitais e cidades do Interior de quase todos os Estados brasileiros, onde mantém sempre atividades como visitas a locais em que ocorre a prostituição e reuniões com as mulheres, quando, então, são abordados assuntos relativos ao seu cotidiano (saúde, violência, direitos de cidadania, questões relacionadas a seus filhos e famílias).

Algumas equipes da Pastoral da Mulher Marginalizada mantêm creches para atendimento dos filhos das prostituídas e de crianças carentes, e em diversos lugares onde as equipes da Pastoral atuam existem Centros de Convivência. É um local no qual a prostituta é acolhida, recebendo ajuda nas suas necessidades e carências, com apoio psicológico. Nesses centros há muitas vezes pessoas ligadas à saúde para orientá-la nos problemas mais urgentes; encaminhamento para obter documentação, como carteira de identidade; cursos de alfabetização; oficina de trabalhos alternativos como artesanato, corte e costura e cabelereiro.

Entre outras ações, a Pastoral da Mulher Marginalizada atua junto a autoridades governamentais e policiais que, muitas vezes, desrespeitam os direitos da mulher prostituída. Existe ocorrência de mulheres violentadas, espancadas e aprisionadas que necessitam assistência. Procura oferecer, ainda, assessoria jurídica, denunciando as formas de violência contra a mulher.

A questão da prostituição é abordada pela Igreja sob diversos pontos de vista. Conforme destaca o padre Teodoro Helmut ROHNER (1987), a Igreja reforçava a marginalização social das prostitutas com a marginalização moral e religiosa, pois são vistas tradicionalmente pela Igreja como sedutoras dos homens. Ainda que a condenação fosse feita com a intenção de buscar a salvação da prostituta, que estaria em estado de pecado permanentemente, "do ponto de vista pedagógico a atitude tradicional não é encorajadora, é arrasadora" (:76).

Desenvolve-se, no entanto, um novo enfoque sobre o tema, segundo o qual a prostituta é uma vítima - daí a denominação mulher prostituída -, que a sociedade marginalizou a tal ponto que não tem outra alternativa para sobreviver. A responsabilidade da prostituta, na argumentação do religioso, existe, mas é normalmente mínima, comparativamente às causas sociais e econômicas. Por

isso a justificativa para que, ao “examinar cada caso”, os padres possam aceitar as prostitutas à confissão e comunhão.

“Essa nova atitude não se origina de um laxismo moral. A prostituição voluntária é e fica um pecado grave. Mas quando ela é forçada, não temos o direito de considerá-la voluntária. A conversão que é exigida de nós é a de deixar os preconceitos tradicionais e de fazer um julgamento justo conforme tudo que sabemos sobre a condição das vítimas da prostituição da nossa sociedade. Não é uma conversão do rigorismo ao laxismo, mas *dos preconceitos à realidade* e a uma interpretação correta desta última” (1987:87).

A ação da Pastoral da Mulher Marginalizada é desenvolvida por irmãs da Congregação do Bom Pastor, cuja origem remonta ao século 17, quando o padre oratoriano João Eudes, que pregava o fim da ignorância e imoralidade, conseqüência de longos períodos de guerra, conseguiu que muitos jovens e mulheres se convertessem para uma vida “digna e estável” (FACULDADE DE TEOLOGIA N.S. DA ASSUNÇÃO, 1986). Foi fundada, então, a Ordem de Nossa Senhora da Caridade do Refúgio. Seus mosteiros acolhiam e orientavam para uma vida nova moças e mulheres que se prostituíam. Além dos três votos comuns, João Eudes impôs aos membros da Congregação um quarto: o trabalho e o empenho na evangelização dessas pessoas exploradas e marginalizadas.

Quase um século depois, uma religiosa, Rosa Virgínia Pelletier - que recebeu o nome de Maria Eufrásia - sentiu a necessidade de ampliar o campo de atuação da Ordem para outros países, além da França, e criou serviços como respostas às exigências evangélicas e sociais da época, como a ação correcional junto a menores, seções de preservação para crianças abandonadas e atuação junto a penitenciárias.

Irmã Eufrásia levou esse projeto para várias partes do mundo, surgindo assim a Congregação do Bom Pastor - o amor misericordioso de Jesus Bom Pastor. Após a Segunda Grande Guerra, a superiora geral da Congregação, Maria Úrsula, realizou importantes mudanças, como a exigência que as religiosas do Bom Pastor tivessem uma qualificação profissional, com a colaboração de leigos e a adoção de métodos educativos que visavam ao desenvolvimento integral da pessoa e à sua reinserção social. Dentro das renovações do Concílio Vaticano II, as religiosas do Bom Pastor foram estimuladas a rever seu carisma, reatualizar sua missão de amor e misericórdia pelos que são marginalizados, transviados ou que vivem situação de injustiça.

A entidade em Campinas

A vinda da Congregação do Bom Pastor para Campinas - base da ação da Pastoral da Mulher Marginalizada - foi realizada pelo padre Haroldo Rahm, em

O boletim da Pastoral na "zona" de Campinas

1976, quando foi fundada a Casa Esperança, para colher mulheres prostituídas do Jardim Itatinga. No primeiro ano, o trabalho das irmãs do Bom Pastor e do padre Rahm consistiu em um estudo sobre como funcionava a zona de prostituição. Foi montado um curso de alfabetização (Mobral), cursos de bordado, datilografia, corte e costura. Posteriormente foi obtido o terreno onde está hoje a sede da Pastoral da Mulher Marginalizada, com apoio do arcebispo D. Gilberto Pereira Lopes, e doações - em especial dos padres capuchinhos - viabilizaram a construção da sede, onde há uma escola, um salão social, sala de aulas, entre outras instalações.

Para fortalecer a ação da Pastoral da Mulher Marginalizada em Campinas, em especial no bairro do Itatinga, onde está sediada, foi criado em 1997 o CEPROMM - Centro de Estudos e Promoção da Mulher Marginalizada. Como figura jurídica, é essa instituição que mantém as atividades promovidas pela Pastoral, no Centro Comunitário Nossa Senhora Aparecida, como a escolinha - com a contratação de pessoal para as atividades pedagógicas e para fazer a merenda -, os cursos ali desenvolvidos - com a compra de material de consumo, etc. Há funcionários, como assistente social e merendeira, e também trabalho voluntário, desenvolvido em contato direto com a entidade ou através de convênios e termos de cooperação com outras instituições, como Universidades.

No estatuto do CEPROMM se estabelecem as diretrizes gerais do trabalho: "dar proteção à família, à infância e à adolescência, carentes, dando especial atenção às mulheres prostituídas e seus filhos, moradores do Bairro Jardim Itatinga e adjacências" (art.2).

Entre as propostas estão:

- Realizar trabalhos sócio-educativos e de *resgate à cidadania...*
- levar a criança, o adolescente e a mulher prostituída a inserir-se no meio social *de modo crítico...*
- criar condição de atendimento às crianças e adolescentes, em situação de risco, através de um espaço para alfabetização e acompanhamento das atividades pedagógicas, tirando-as da rua...
- incentivar a participação das mães nas atividades do CEPROMM...
- desenvolver um *trabalho de prevenção* junto às crianças e adolescentes, visando propiciar oportunidades sociais e profissionais, com o intuito que não se iniciem na prática da prostituição e que sejam prevenidos os abusos e exploração sexuais...
- promover *ações continuadas* em educação e saúde...
- caminhar com a mulher, especificamente a mulher prostituída, buscando alternativas que favoreçam sua *organização, promoção e libertação,*

incentivando-a na participação das atividades desenvolvidas pelo Cepromm...

- apoiar e defender os *direitos da mulher*, enquanto cidadã, perante os poderes constituídos...
- atuar sobre as *causas e consequências da prostituição*...
- *mobilizar as mulheres* prostituídas para formação de cooperativas de trabalho..." (CEPROMM, 1997; grifo nosso).

Essas diretrizes gerais se configuram numa ação permanente, sob liderança das irmãs Maria de Lourdes Vicari e Ana Maria Bastos Rocha, da Congregação do Bom Pastor, com a colaboração de um travesti que se prostituía, Ademar S. Martins (Denise), da ex-prostituta Bethânia, e da equipe de funcionárias e voluntários. Além de cursos, como de cabeleireiro e de informática, há uma escolinha para crianças e jovens, que não integra o ensino regular, que acolhe meninos e meninas de idade variável, que não têm outra opção durante parte do dia ou mesmo durante o dia inteiro. Há atividades culturais (por exemplo, em datas específicas são exibidos vídeos, feitas homenagens às mulheres), políticas (há a organização para ações em defesa da cidadania, do trabalho, de solidariedade) e religiosas (todas as quartas-feiras há um momento de oração com as mulheres do bairro, além de outras atividades).

A PRODUÇÃO DO BOLETIM

Houve acompanhamento das quatro edições de 1999 do boletim *Cinta Liga* (periodicidade trimestral), que tem o formato duplo-ofício A4, com número de páginas que variou de 8 a 4, sendo distribuídos pelo bairro cerca de 200 exemplares. Ele possui, permanente, apenas um anúncio, de um dos postos de combustíveis do bairro.

É relevante ressaltar que o bairro está localizado na periferia de Campinas, próximo ao Aeroporto de Viracopos e abriga aproximadamente 150 casas de prostituição. A zona de prostituição do Jardim Itatinga surgiu entre 1966 e 1974, quando se deslocou o foco de prostituição de bairros nobres da cidade, como Taquaral e Castelo. Foi considerada a maior zona de prostituição da América Latina, com mais de mil prostitutas atuando nas casas. Hoje vive uma certa decadência: são raros os carros luxuosos e a maioria dos clientes são motoristas de caminhão e trabalhadores de Campinas. A prostituição de luxo se faz em outros lugares, não mais nas casas, mas através de encontros via celular, anúncios

O boletim da Pastoral na "zona" de Campinas

em revistas, jornais e na Internet, além da intermediação de boates instaladas em locais distantes do Itatinga, justamente para fugir do estigma da "zona".

Convivem no Itatinga, com as prostitutas, travestis e traficantes de drogas, e essa convivência nem sempre é pacífica - os conflitos entre grupos rivais e acertos de contas são constantes, com mortes violentas periodicamente tornando-se manchetes de jornais. A segregação das prostitutas pode ser verificada facilmente pelas placas em residências que não são prostíbulo, nas quais os dizeres "casa de família" buscam afastar uma clientela para a qual, em tese, todas as casas do bairro são para o comércio de sexo.

Há uma escola pública, posto de saúde e um pequeno comércio local. Boa parte das ruas ainda não tem asfalto e em muitos locais é possível observar o lixo acumulado, o esgoto céu aberto. Doenças sexualmente transmissíveis são uma constante, apesar de todas as campanhas de prevenção desenvolvidas pelo posto de saúde, com a colaboração dos agentes da Pastoral.

A produção do *Cinta Liga* se iniciou em 1996 por um grupo de alunos da Puccamp que o produziram em forma de jornal mural. No ano seguinte, foi produzido no mesmo formato, mas por Denise, uma das principais lideranças do bairro. Em 1998, o boletim passou para formato duplo ofício, sendo feito por um grupo da disciplina Jornalismo Sindical e Comunitário, sob nossa coordenação. Vale destacar que, já em 1992, outra equipe havia buscado a Pastoral da Mulher Marginalizada para realizar trabalho conjunto, no boletim então denominado *O Itatinga*, e igualmente sob supervisão direta de Denise.

Foram feitas entrevistas, com roteiro semi-estruturado, junto às principais lideranças da Pastoral da Mulher Marginalizada. As entrevistas consistiram em perguntas sobre a história de vida, como se deu a opção pelo trabalho com as mulheres prostituídas e a opinião sobre a função e os resultados do boletim *Cinta Liga*. Após a terceira e quarta edições do ano foram feitas enquetes com mulheres do bairro, para complementar algumas informações que vínhamos colhendo em conversas até então não sistematizadas.

As religiosas têm como voto de sua Congregação ajudar os excluídos. Denise e Bethânia, que já se prostituíram, têm mais acesso às prostitutas que as religiosas, por terem passado pela situação de prostituição e saberem como falar e como agir com cada uma, tendo conhecimento das suas carências e necessidades. Ambas deixaram a prostituição depois de se engajarem na Pastoral da Mulher e recuperarem - como afirmam - sua auto-estima.

Destaca-se na análise das entrevistas que o objetivo comum das integrantes da Pastoral não é tirar a mulher da prostituição, pois não há condições para a

entidade colocá-las no mercado de trabalho. Elas dependem dessa atividade para sobreviver e a Pastoral da Mulher Marginalizada não tem condições de remanejar todas para outro tipo de vida, ainda que ofereçam cursos como o de Informática.

O trabalho da Pastoral consiste em conscientizar as mulheres de seus direitos, de sua dignidade, tendo uma preocupação com a saúde e exploração dos cafetões e cafetinas existentes no local. Para conquistar esses objetivos acreditam que o boletim é um instrumento de muita valia.

O boletim *Cinta Liga*, para essas lideranças, exerce muita influência para atingir o objetivo de conscientização, no entanto há divergências entre elas. Bethânia acredita que precisa haver mais entrosamento de quem produz o boletim com os leitores, já as demais integrantes consideram que o boletim cumpre sua função plenamente. O acompanhamento da produção das edições do boletim aconteceu por meio da participação das reuniões de pautas, das reuniões do fechamento da edição e da entrega do mesmo, que é feita por Denise e os alunos de casa em casa no bairro.

Antecedendo a confecção de cada boletim há uma reunião de pauta entre os alunos e Denise, principal responsável por sua elaboração. Nessas reuniões são estabelecidos os assuntos que serão publicados. Há uma tendência, por parte de Denise, de não serem consideradas as sugestões dos alunos. Desse modo, em muitas situações os alunos foram inibidos de colocarem reportagens que acreditavam ser convenientes. Exemplo é o que ocorreu na reunião de pauta do dia 24 de março, quando um aluno, sabendo que a modelo Roberta Close fora a uma boate do bairro e causara muito interesse entre as moradoras, sugeriu colocar uma reportagem sobre o assunto. Denise não permitiu, houve discussões, porém ficou determinado que não seria adequado esse tipo de matéria no boletim, pois não estava dentro dos objetivos, das características editoriais da produção jornalística da Pastoral.

Depois da edição pronta, antes do envio para a gráfica, as irmãs do Bom Pastor lêem todo o boletim e substituem expressões que não acham adequadas, como por exemplo “prostitutas”, termo que é substituído por “mulher prostituída”, sob o argumento já referido. Ilustrações masculinas no boletim também são repelidas: a justificativa de Denise é que tudo no boletim deve lembrar a mulher, para que ocorra identificação.

O primeiro exemplar do *Cinta Liga* de 1999 foi produzido pela bolsista de iniciação científica Juliana Aparecida Ramos e por nós, com oito páginas, com assuntos sobre o dia da Mulher, desemprego, acontecimentos da Pastoral, serviços do Centro de Saúde do bairro e poemas. O segundo número passou a ser feito por uma equipe da disciplina Jornalismo Sincial e Comunitário, sob nossa supervisão.

O boletim da Pastoral na "zona" de Campinas

Sua editoração sofreu mudanças, o logotipo mudou. Passou também a ter pela primeira vez um anúncio, o do posto de combustíveis do bairro, que a cada edição paga 50 reais. Dessa forma, o boletim não é mais reproduzido em cópias xerox, passou a ser impresso em uma gráfica. O editorial também passa a ser feito, operacionalmente, pelos alunos e não mais por Denise, que, no entanto, conforme destacado, coordena o conteúdo que constará no *Cinta Liga*. O número de páginas continuou o mesmo, com assuntos sobre a Santa Eufrásia, em comemoração ao dia das Mães, a Pastoral Carcerária, novamente sobre o desemprego, o Centro de Saúde, a Casa das Pastorais, educação das crianças e agenda do Centro Comunitário. A presença de assuntos religiosos foi marcante nessa edição. A matéria do Dia das Mães foi composta por muitos depoimentos das próprias mulheres do bairro. Essa matéria, na pesquisa realizada com mulheres do bairro, é citada como uma das preferidas das leitoras, numa clara evidência de identificação entre a reportagem e o público.

CONCLUSÃO

As entrevistas com lideranças e com mulheres apontaram para o fato de que o boletim não estava sendo lido pela maioria do seu público-alvo. Buscando melhorias, o *Cinta Liga* diminuiu para quatro páginas: considerou-se que o público se cansaria com um número maior de páginas. Foram então publicados textos sobre o aniversário da cidade, o Grito dos Excluídos, uma página sobre o Centro de Saúde, agenda do Centro Comunitário e uma reportagem falando sobre o mês da Bíblia. Nessa edição, além do anúncio do posto de combustíveis, houve mais quatro, de estabelecimentos comerciais do bairro.

Na última edição do ano, a editoração continuou a mesma, no entanto a página de saúde não saiu e não houve revisão por parte das lideranças. Algumas matérias decididas na reunião de pauta não foram cumpridas, como a missa de Natal, depoimento da equipe de visita da Pastoral da Mulher, gincana, a reunião da Casa de Santana. Foram cumpridas pautas como a formatura da turma de informática, uma carta de uma jovem de 15 anos que escreveu para homenagear a mãe prostituta - matéria também muito citada na pesquisa -, a mensagem de Natal e as reivindicações dos servidores públicos.

Além das entrevistas com as lideranças, conforme salientamos, fizemos uma enquete, ao final da terceira edição, quando perguntamos para as leitoras a opinião geral sobre o boletim. Ao final da última edição foi feita nova enquete e constatou-se que as leitoras lêem mais a página de saúde e matérias que retratam o bairro, que falam sobre coisas que vivem diariamente. Muitas nem folheiam o

boletim, seja porque fica um exemplar para toda a casa e nem todas as mulheres dali têm acesso ao boletim, seja porque nem todas sabem ler e, também - um dos principais fatores - porque falta interesse pelo mesmo.

Os assuntos pelos quais as mulheres mais se interessam são as reportagens de depoimentos de vida do cotidiano de outras prostitutas, assuntos com os quais elas se identificam, como os exemplos das mulheres do bairro falando sobre ser mãe e, na última edição, a carta da filha para a mãe prostituta. Gostam de ler também a página de saúde, que fala sobre o posto de saúde, as atividades ali desenvolvidas. Enfim, constata-se que há interesse por um jornal de serviços e não integralmente sobre questões claramente destinadas à conscientização das moradoras do bairro². As mulheres reivindicam mais assuntos dos bairro, denunciando, principalmente, a violência. No entanto, a Pastoral receia represálias e não acata essa reivindicação. Confirmam-se, assim, as assertivas de COGO e SOARES, no sentido de a comunicação popular apresentar tendência a um afastamento entre lideranças e comunidade, e, ainda, de a comunicação da Igreja católica ser caracterizada por uma verticalização, uma hierarquização, uma ausência de tomada de decisões de maneira aberta e democrática, ainda que se constitua em importante instrumento de defesa dos marginalizados.

Se o boletim *Cinta Liga* buscasse mudar seu comportamento em função da opinião das moradoras - que foi transmitida às lideranças, e em grande medida já era de seu conhecimento -, seria mais “leve”, com mais assuntos dos bairros, matérias de entretenimento e a participação das leitoras, mesmo que apenas em depoimentos, mas criando a identificação entre público e boletim.

O jornal comunitário poderia ao menos disputar a influência sobre seu público com a grande imprensa, porque os jornais da cidade - *Correio Popular* e *Diário do Povo* - não conhecem a realidade do bairro tão profundamente e apenas divulgam notícias de violência, como mortes e tráfico. Isso contribui para que a sociedade consolide seu preconceito em relação ao bairro e às prostitutas. Já o boletim *Cinta Liga* vem com outra proposta: diminuir esse preconceito, mostrar uma outra realidade, que vem sendo construída com trabalho e projetos de cunho social e transformador.

Entretanto, destaca-se um ponto em comum entre a imprensa comunitária ali gestada e a grande imprensa: em ambas a linha editorial segue rigorosamente o ponto de vista daquele que detém o comando, sem abertura à pluralidade, à manifestação das diferenças. Porém, ressalve-se que enquanto a grande imprensa tem como objetivo os lucros e a manutenção do *status quo*, a imprensa comunitária procura conscientizar o seu público, tem em suas reportagens um conteúdo nitidamente marcado pelo desejo de mudança, de transformação, educativo e social.

O boletim da Pastoral na "zona" de Campinas

NOTAS

- (1) Estudo feito com a colaboração da acadêmica Juliana Aparecida Ramos, bolsista de iniciação científica PIBIC/CNPq.
- (2) Uma pesquisa quantitativa sobre a aceitação do boletim foi realizada por equipe de alunos, segundo a qual 66% das entrevistadas consideraram que o jornal ficaria melhor se fosse feito por pessoas do bairro - que pode ser interpretado como crítica tanto à Pastoral como à presença dos alunos - e 84% das entrevistadas afirmaram que gostam da página de saúde. Cf. NUNES, Alesse F. e outros. *Jornal comunitário: alcance e limitações. Um estudo de caso*. Campinas, PUC-Campinas, 1998. [mimeo.]

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AGUIAR, MARCELINO & VEDOVATTO. *Jornalismo de Interior – Espaço Mídia*. Campinas, 1994. Projeto experimental no curso de Jornalismo da Puccamp. [mimeo.]
- BUENO, Wilson. "A importância da imprensa comunitária no interior paulista". In: *Estudos sobre Imprensa Comunitária. Cadernos de Jornalismo e Editoração*, nº 11, São Paulo, Escola de Comunicações e Artes/USP, 1979.
- CEPROMM - Centro de Estudos e Promoção da Mulher Marginalizada. "Estatuto". Campinas, 1997 [mimeo.]
- COGO, Denise. *No ar... uma rádio popular*. São Paulo, ECA/USP, 1994. [diss. de maestr.]
- FACULDADE DE TEOLOGIA N.S. DA ASSUNÇÃO. *A prostituição em debate*. Campinas: Paulinas, 1986.
- FERREIRA, Maria Nazareth. "Comunicação Sindical em Época de Crise". In: *Simpósios em Comunicações e Artes*, nº 10. São Paulo, ECA/USP, 1992.
- FUSER, Bruno. *Políticas de comunicação no governo Erundina: do agitprop ao Jack Palance*. São Paulo, ECA/USP, 1991. [diss. maestr.]
- FUSER, Bruno. "Limites da comunicação sindical no Brasil". In: FERREIRA, Maria Nazareth. *O Impasse da Comunicação Sindical: de processo interativo a transmissora de mensagens*. São Paulo: CEBELA, 1995.
- FUSER, Bruno. *A comunicação conservadora dos Metalúrgicos do ABC*. São Paulo, Escola de Comunicações e Artes/USP, 1998. Tese de dout.
- NUNES, Alesse F. e outros. *Jornal comunitário: alcance e limitações. Um estudo de caso*. Campinas, PUC-Campinas, 1998. [mimeo.]

ROHNER, Teodoro Helmut. *Prostituição e Libertação da Mulher. Pastoral da Mulher Marginalizada: subsídios para a formação de agentes*. Petrópolis: Vozes, 1987.

SERVIÇO À MULHER MARGINALIZADA - SMM. *Pastoral da Mulher Marginalizada*. São Paulo, s/d [mimeo.]

SOARES, Ismar de Oliveira. "Boletins Diocesanos Católicos: Veículos de Comunicação a Serviço dos Marginalizados". Em: Melo, José Marques de (coord.). *Comunicação e classes subalternas*. São Paulo: Cortez, 1980.